



AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PUBLICADO: 08/2023

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i1.3985>

**PALMAS-TO
2019**

SONIA CRISTINA ANDRADE RODRIGUES

AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTISM IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

EL AUTISMO EN LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade do Norte do Paraná como requisito à obtenção do título de Pedagogo sobre a Orientação da Prof. Natalia Gomes dos Santos, Tutor eletrônico: Juliana Suelen Prudêncio Cantelli e Tutor de Sala: Paola Regina Martins Bruno.

**PALMAS-TO
2019**

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, companheiro de lutas e vitórias; aos meus filhos amados, que mesmo sem entender, me dividiam com os estudos, e ao meu aluno Heitor Domingos, que me ensinou na prática tudo sobre educação inclusiva para o autismo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar está dissertação às seguintes pessoas:

A Minha mãe Suely cursou Pedagogia até o quarto ano, mas, nunca se cansou de me orientar e encorajar nos estudos, me lembrando diariamente sobre a importância da aquisição do conhecimento como bem mais precioso.

Meu marido, Luiz Carlos, que por tantas vezes me apoiou, incentivou e me amparou para continuar persistindo, e para que eu não desistisse nos momentos de extremo cansaço, e que este cansaço tentava me derrubar.

Aos meus filhos, que contribuíram para desenvolver o amor incondicional por aprender e ensinar.

Minhas colegas de curso, que como eu, são incansáveis soldadas na frente de batalha lutando pelo sucesso da inclusão no Brasil.

À minha universidade que ofertou o espaço de aprendizado para aquisição de conhecimento, e em especial a minha tutora presencial, Paola Bruno, que com seu empenho semanal distribuiu conhecimento e sempre além do mínimo, nos ensinando a fazer sempre mais e melhor.

Ao meu aluno, Heitor Domingos, que há 6 anos contribuiu para a minha prática pedagógica, me levando à lugares desconfortáveis e fez-me estudar de maneira independente para melhorar minhas capacidades de acolhimento, e intervenção diária na educação, e com isso me ajudar a potencializar diretamente meu desenvolvimento profissional.

A quem não mencionei, mas, esteve presente ao meu lado, quero lembrar que não foram esquecidos. Todos foram imensamente importantes para a conclusão da minha graduação.

“A escola tem que ser um lugar onde as crianças têm a oportunidade de ser elas mesmas e onde as diferenças não são escondidas, mas destacadas.” Maria Teresa Eglér Mantoan

RESUMO

O trabalho a ser apresentado traz como tema norteador: "Autismo na educação infantil". Este envolve a linha de pesquisa da docência, a qual tem a intenção de fortalecer os conhecimentos da prática docente ao trabalhar com as crianças que sofrem deste transtorno. A busca por este tema, nesta linha de pesquisa, surgiu mediante a necessidade de entender a dificuldade do professor ao promover a socialização e integração da criança Autista no espaço da sala de aula. Diante desta dificuldade, frisamos a necessidade deste estudo para fortalecer a prática do docente de forma significativa a fim de favorecer a inclusão desta criança no espaço escolar. A problemática levantada consiste em se perguntar: Como o professor da educação infantil pode promover a inclusão da criança autista na sala de aula? Qual a importância da formação para se alcançar êxito nessa prática? Quais são os conceitos do autismo e como identificá-los? As atividades desenvolvidas contemplam a proposta da inclusão no espaço escolar e para além deste. A avaliação se deu de forma contínua e processual. Para melhor entendermos este questionamento, o projeto traz o desenvolvimento de um referencial teórico apoiado nas obras de autores como: Sasaki, Mantoan e Kanner que em seus estudos tentaram encontrar a etiologia desta síndrome, passando a registrar suas ideias sobre a origem do Autismo e formando seus conceitos a partir de experiências no cuidado dessas pessoas. Tem também as contribuições de outros teóricos que conheceremos ao longo da pesquisa apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Aprendizagem. Educação. Educação Infantil. Inclusão.

ABSTRACT

The work to be presented has as its guiding theme: "Autism in early childhood education". This involves the research line of teaching in which it intends to strengthen the knowledge of teaching practice when working with children who suffer from this disorder. The search for this theme in this line of research came about by understanding the difficulty that the teacher has in promoting the socialization and integration of the Autistic child in the classroom. Faced with this difficulty, we will emphasize in this project the need for this study to significantly strengthen the teaching practice and how to favor the inclusion of this child in the school space. The issue raised is to ask: How can the early childhood education teacher promote the inclusion of the autistic child in the classroom? What is the importance of training to achieve success in this practice? What are the concepts of autism and how to identify them? The activities carried out contemplate the proposal of inclusion in the school space and beyond. The evaluation will be continuous and procedural. To better understand this questioning, the project brings the development of a theoretical framework supported by the works of authors such as: Sasaki, Mantoan, Kanner who in their studies tried to find the etiology of this syndrome, starting to record their ideas about the origin of Autism and forming their concepts based on their experiences in caring for these people. It also has contributions from other theorists that we will meet throughout the research presented.

KEYWORDS: Autism. Learning. Education. Early Childhood Education. Inclusion.

RESUMEN

El trabajo que se presentará trae como tema guía: "El autismo en la educación infantil". Se trata de la línea de investigación de la docencia, que pretende fortalecer el conocimiento de la práctica docente trabajando con niños que padecen este trastorno. La búsqueda de este tema, en esta línea de investigación, surgió a través de la necesidad de comprender la dificultad del maestro para promover la socialización e integración del niño autista en el espacio del aula. Dada esta dificultad, enfatizamos la necesidad de que este estudio fortalezca la práctica del maestro de manera significativa para favorecer la inclusión de este niño en el espacio escolar. El problema planteado consiste en preguntar: ¿Cómo puede el maestro de educación infantil promover la inclusión de los niños autistas en el aula? ¿Cuál es la importancia de la formación para lograr el éxito en esta práctica? ¿Cuáles son los conceptos de autismo y cómo identificarlos? Las actividades desarrolladas contemplan la propuesta de inclusión en el espacio escolar y más allá. La evaluación se llevó a cabo de manera continua y procedimental. Para comprender mejor este cuestionamiento, el proyecto trae el desarrollo de un marco teórico apoyado en los trabajos de autores como Sasaki, Mantoan y Kanner que en sus estudios intentaron encontrar la etiología de este síndrome, comenzando a registrar sus ideas sobre el origen del autismo y formando sus conceptos a partir de experiencias en el cuidado de estas personas. También cuenta con las aportaciones de otros teóricos que conoceremos a lo largo de la investigación presentada.

PALABRAS CLAVE: Autismo. Aprendizaje. Educación. Educación Infantil. Inclusión.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tempo para a realização do Projeto.....	19
----------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	8
<u>Inclusão e seus desafios e aspectos legais</u>	8
<u>Educação especial e inclusiva</u>	11
<u>O autismo</u>	11
<u>O transtorno do espectro autista sob a visão de kanner</u>	11
<u>Autismo: um transtorno global do desenvolvimento</u>	13
<u>Escola inclusiva</u>	14
<u>Educando o aluno autista e a importância da formação continuada para este atendimento</u>	15
<u>Processo de desenvolvimento do projeto de ensino</u>	15
<u>Objetivos</u>	17
<u>Processo de desenvolvimento</u>	17
<u>Tempo para a realização do projeto</u>	19
<u>Recursos humanos e materiais</u>	20
<u>Avaliação</u>	20
<u>Considerações finais</u>	20
<u>Referências-bibliográficas:</u>	21

INTRODUÇÃO

O trabalho a ser apresentado traz como tema norteador: “Autismo na educação infantil”. Este envolve a linha de pesquisa da docência na qual tem a intenção de fortalecer os conhecimentos da prática docente ao trabalhar com as crianças que sofrem deste transtorno.

A busca por este tema nesta linha de pesquisa surgiu mediante entender a dificuldade que o professor tem de estar promovendo a socialização e integração da criança Autista no espaço da sala de aula. A discussão sobre a inclusão de crianças autistas nas escolas de ensino regular foi bastante discutida e intensificada nos últimos anos, este por sua vez encontra-se amparado por documentos legais, as quais contemplam o direito à inclusão de pessoas com necessidades especiais nos âmbitos da educação, da saúde, do trabalho e da assistência. E no que se refere à educação compreende-se que esta é um direito de todos.

O trabalho a ser apresentado traz como tema norteador: “Autismo na educação infantil”. Este envolve a linha de pesquisa da docência na qual tem a intenção de fortalecer os conhecimentos da prática docente ao trabalhar com as crianças que sofrem deste transtorno.

Diante desta dificuldade iremos frisar neste projeto a necessidade deste estudo para fortalecer a prática do docente de forma significativa e como favorecer a inclusão desta criança no espaço escolar.

A problemática levantada consiste em se perguntar: Como o professor da educação infantil pode promover a inclusão da criança autista na sala de aula? Qual a importância da formação para se alcançar êxito nessa prática? Quais são os conceitos do autismo e como identificá-los?

Assim, esta pesquisa tem o objetivo de compreender as características, diagnósticos e dificuldades na qual pertence aos alunos que sofrem com o autismo, a fim de entender a forma de como o professor deve desenvolver sua metodologia com esses alunos atendendo a sua necessidade e de fato o incluindo no contexto escolar.

O processo de desenvolvimento acontecerá em etapas na qual buscam a inserção de atividades que favoreça a integração e desenvolvimento da criança autista, trabalhando com propostas que atendam às necessidades dessas crianças.

Serão utilizados Recursos humanos e materiais.

A avaliação será contínua e processual e acontecerá durante todo o projeto. Dar-se-á por meio de observações e registros analisando os pontos positivos alcançados e o que precisa ser melhorado para atender a proposta.

Para melhor entendermos este questionamento, o projeto traz o desenvolvimento de uma referencial teórico apoiado nas obras de autores como: Sasaki, Mantoan, Kanner que em seus estudos tentaram encontrar a etiologia desta síndrome, passando a registrar suas ideias sobre a origem do Autismo e formando seus conceitos a partir de suas experiências no cuidado dessas.

INCLUSÃO E SEUS DESAFIOS E ASPECTOS LEGAIS

Antes de falarmos sobre o autismo e seu conceito, vamos entender de forma mais aprofundada o conceito de inclusão. Diante das pesquisas, entende-se que, a inclusão tem sido alvo de muitas discussões em palestras, reuniões, manchetes de jornais, redes sociais, projetos e dentre vários outros

meios de comunicação social na qual visam discutir os direitos dos portadores de necessidades especiais, e como estes devem ser recebidos e tratados no meio social, no entanto muitas vezes a prática não contempla esses quesitos, devido às barreiras que existem para tornar a inclusão possível.

O direito de acesso à educação é um direito constitucional, e, sobretudo um exercício de cidadania. Qualquer pessoa, independentemente de sua condição física, psicológica, moral, econômica e social tem o direito assegurado pelo Decreto nº 6.094/2007, de usufruir os espaços municipais, estaduais, e federais de educação (BRASIL, 2007).

Incluir significa integrar um aluno ou um grupo na educação regular, o que lhe é de direito, num espaço que possibilite exercer a cidadania e ter acesso aos diferentes saberes. A inclusão não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia toda a comunidade escolar (Mantoan, 1998).

A Educação Especial faz parte do sistema educacional, sendo entendida, para efeitos da Lei 9394/96, como uma modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, ao aluno PNEE (deficientes físicos, auditivos, visuais; autistas; altas habilidades...), assim descrita:

A política de Educação Especial, calcada no direito de todos à educação, sem discriminações, estabelece um elenco de objetivos e de diretrizes, consentâneos com a avaliação da conjuntura brasileira atual, tendo como finalidade a formação de cidadãos conscientes e participativos (MEC, 1994, p. 132).

Desde que o termo inclusão surgiu no meio social e escolar, o mesmo tem sido associado ao de inovação educacional, de forma que implica a formação de professores e propostas de ensino que atendam às exigências da sociedade contemporânea, em que não há espaço para preconceitos e discriminações entre os indivíduos, mas sim, para a interação de todos com o mundo e a promoção da autoestima do aluno Portador de Necessidades Educativas Especiais (PNEE). A partir deste contexto, por inclusão social, emprestamos a definição seguinte:

A inclusão social é o processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiência procuram adaptar-se mutuamente tendo em vista a equiparação de oportunidades e, conseqüentemente, uma sociedade para todos. A inclusão (na sociedade, no trabalho, no lazer, nos serviços de saúde, etc) significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida (Sassaki, 1997, p. 168).

Sabendo que a falta de inclusão é uma realidade presenciada em vários espaços e em muitas escolas, houve-se a necessidade de refletir um pouco mais sobre o processo de inclusão dos alunos autistas no espaço escolar.

Durante muito tempo, a pessoa com necessidades especiais era considerada subumana, o que legitimava sua eliminação ou abandono. A sociedade tinha o poder de eliminar e confinar os deficientes, sendo assim eles não eram tratados como pessoas humanas.

Observa-se uma constante evolução da exclusão para a inclusão, transformando-se num movimento, em defesa dos direitos igualitários para todos, pois de acordo com Carvalho (2004, p. 34): "... uma escola inclusiva vai além do "eu", do "nós" objetivando o "todos nós". Carvalho (2004, p. 34).

A escola é um dos principais espaços de convivência social do ser humano, durante as primeiras fases do desenvolvimento. Ela tem papel principal no desenvolvimento da consciência de cidadania e de direitos já que é na escola que a criança e ao adolescente começam a conviver num coletivo diversificado, fora do contexto familiar.

Com a elaboração da Declaração de Salamanca, um documento que defende e reafirma a educação como um direito de todos, onde todos os alunos sempre que possível devem aprender juntos.

Conceitua-se inclusão como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (Sasaki, 1999 *apud* Fróes, 2007. p. 71).

A Declaração de Salamanca (1994, p. 38) dispõe que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desvantajosos ou marginalizados.

A instituição escolar enquanto agente que educa crianças, jovens, adultos e idosos, precisa oferecer oportunidades para que se tornem cidadãos críticos, reflexivos e atuantes ativos na sociedade. Mais do que isto a escola precisa oferecer oportunidades baseado na diversidade humana e nas diferenças individuais de seus alunos.

Coloca-se como grande desafio da escola inclusiva desenvolver uma pedagogia centrada na criança e capaz de educar a todas, mesmo as que possuem limitações severas, baseadas em uma educação de qualidade que respeite a singularidade de cada sujeito, entendendo o aprender como inerente a cada criança, jovem e idoso.

Ainda de acordo com a **Declaração de Salamanca** (1994, p. 43), o princípio fundamental de uma escola inclusiva está em que todos devem aprender juntos. Cabe à escola “reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado”.

O documento legal, Resolução nº 17/ 2001 (2001, p.17) que Institui as Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica aponta, que a escola inclusiva implica uma nova postura da escola comum, que propõem no projeto pedagógico, no currículo, na metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores, ações que favoreçam a interação social e sua opção por práticas heterogêneas.

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

Para que o processo de inclusão de todos os alunos de forma real seja efetivado é necessário que a escola venha contribuir na formação de um indivíduo com várias competências, ajudando-o a compreender a sua realidade e a refletir sobre ela.

E o professor, a promover a integração dos grupos, a partir da conscientização e aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa, convivência dentro da diversidade humana e aprendizagem por meio de cooperação.

O AUTISMO

O autismo, hoje, já conquistou um espaço de reconhecimento como uma deficiência e tem obtido a atenção da mídia. Há pesquisas sendo feitas sobre como tratar alunos com esta característica de forma que haja desenvolvimento e facilidades de incluí-lo na escola e futuramente na sociedade (Tomé, 2007; Orrú, 2008a).

O autismo é uma síndrome comportamental, possuindo como característica principal o déficit na interação social, traduzido principalmente pela inabilidade nas relações interpessoais, juntamente com um déficit de linguagem e alterações de comportamento (Vieira; Baldin; Freire, 2013).

Percebe-se então que várias são as barreiras que contribuem para que a inclusão não aconteça no espaço escolar, o que tem provocado à desmotivação desses alunos, e também dificultado o trabalho do docente, que fica à mercê da situação.

Entretanto, seu crescente número leva-nos a reflexão da necessidade de mudanças no sistema atual para que esses alunos sejam recebidos, respeitados e incluídos.

Em abril de 2018 o governo dos Estados Unidos através do Departamento de Prevenção de Doenças, divulgou a atualização dos números de prevalência do Espectro e comprovou um aumento de 15% nos casos, aumentando em 1 para cada 59 crianças nascidas.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A VISÃO DE KANNER

O Transtorno do Espectro Autista teve sua descoberta há pouco tempo na história das psicopatologias do desenvolvimento. Inicialmente foi considerado pelo psicanalista Bruno Bettelheim, como uma doença relacional, com o foco do problema na relação didática, mãe bebê, originando a expressão “mãe geladeira”, e sua causa associada a fatores ambientais. Porém, na atualidade, considera-se o autismo como de ordem multifatorial, com etiologias variadas e de origem neurológica (Moreira, 2005).

Orrú (2012) apresenta o estudo do psiquiatra austríaco, Leo KANNER, residente nos Estados Unidos, médico do departamento de psiquiatria infantil do Hospital Johns Hopkins, que publicou, por volta de 1943, o artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.

Em 1943, Kanner utilizou a expressão “autismo” para descrever 11 crianças que tinham em comum comportamento bastante peculiar. Sugeriu que se tratava de uma inabilidade inata para estabelecer contato afetivo e interpessoal.

Esse autor descreveu os casos de crianças que apresentavam como características em comum, inabilidade para desenvolver relações interpessoais, em extremo isolamento, atraso no desenvolvimento da linguagem e uso não comunicativo da mesma, repetições de simples padrões de atividade de brinquedo e presença de habilidades isoladas.

Kanner reconheceu também que existiam diferenças individuais nos casos descritos, porém dois traços foram sistematicamente encontrados: isolamento e insistência obsessiva na repetição. Meninos, de uma forma geral, estão mais sujeitos a desenvolver TGD e autismo.

Os traços apresentados pelo grupo de crianças observado por Kanner eram, de acordo com Orrú:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas (2012, p. 19).

A princípio, notou-se que o autismo tinha maior incidência em lares considerados com problemas afetivos e, que por isso, durante longo tempo, pensou-se que a causa do transtorno estivesse relacionada a problemas psicodinâmicos, uma vez que não era possível encontrar fatores biológicos, que incidissem em testes médicos existentes na época.

A partir dos estudos de Kanner surgiram outros pesquisadores que tentaram encontrar a etiologia desta síndrome, passando a registrar suas ideias sobre a origem do Autismo e formando seus conceitos a partir de suas experiências no cuidado dessas pessoas. Autores, estes, abordados a seguir.

O médico vienense, Hans Asperger, apenas um ano após a publicação do trabalho de Kanner, divulga seu artigo em 1944, intitulado **“Psicopatologia autística na infância”**. Ao contrário de Kanner, ele não especula a atribuição da causa do autismo como de ordem psicodinâmica, ele atribui a causa do autismo a uma deficiência biológica, especialmente genética (Brasil, 2013, p. 25).

Silva (2012) salienta esta nova perspectiva sobre o autismo como sendo de fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências, cujo estudo tem demonstrado:

Que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema (p. 41).

A partir dos estudos de Kanner surgiram outros pesquisadores que tentaram encontrar a etiologia desta síndrome, passando a registrar suas ideias sobre a origem do Autismo e formando seus conceitos a partir de suas experiências no cuidado dessas pessoas.

AUTISMO: UM TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO

O termo autismo origina-se do grego *altós* que significa “desse mesmo”. Foi “empregado pela primeira vez pelo médico psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911, que buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia” (Cunha, 2009, p. 20).

Segundo Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”.

De acordo com a leitura realizada no livro “educação inclusiva e língua brasileira de sinais – por Edilaine Vagula e Sandra Cristina Malzinote”, na qual este é utilizado nas disciplinas que abordam a temática inclusão na UNOPAR, as autoras descrevem a partir da seção 2 na página 72 algumas considerações sobre o que é o autismo.

De acordo com as autoras, o autismo é uma manifestação que ocorre até 3 anos de idade como reforça Gikovate (2009, p. 15):

Hoje se considera que as características do autismo podem surgir desde os primeiros meses de vida ou após um período de desenvolvimento em geral após 15 meses de vida (porém, com o início dos sintomas antes de 36 meses). Este é o segundo quadro, no qual houve um período de desenvolvimento aparentemente normal, é denominado autismo regressivo e corresponde a 30% do total de casos. Nos outros 70% não se evidencia uma regressão e os 16 sintomas estariam presentes desde o nascimento, mesmo que tais sintomas só fossem notados como problema após uma determinada idade (Gikovate *apud* Santos, 2013, p. 25).

O autismo também atinge 0,6% da população; a aquisição da linguagem pode ser tardia, seu uso estereotipado e repetitivo (linguagem idiossincrática).

Ao afirmarem essas características, as autoras citam que o aluno diagnosticado com quadro de autismo tem prejuízos em relação a seu desenvolvimento, sua interação social e a comunicação, ou seja, muitas são as dificuldades que uma criança autista encontra, e o professor precisa encontrar formas adequadas e estar preparados para se comunicar e atender as necessidades desses alunos, como veremos mais à frente.

Para uma pessoa ser diagnosticada com TEA, ela terá que apresentar atrasos no desenvolvimento em três áreas, conforme nos esclarece Cunha (2012, p. 20):

O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas (...) Kanner observou crianças com uma inabilidade no relacionamento interpessoal que a diferenciava de outras patologias, bem como atrasos na aquisição da fala e dificuldades motoras.

O autismo é definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como:

Um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimentos caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos

correlatos isto é que necessitem do mesmo tipo de atendimento (*apud* Montoan, 1997, p. 13).

Sobre os comportamentos que a pessoa autista desenvolve, Silva (2012), descreve que:

Os comportamentos motores estereotipados e repetitivos, como pular, balançar o corpo e/ou as mãos, bater palmas, agitar ou torcer os dedos e fazer caretas, são sempre realizados da mesma maneira e alguns pais até relatam que observam algumas manias na criança que desenvolve tais comportamentos. [...] os comportamentos disruptivos cognitivos, tais como compulsões, rituais e rotinas, insistência, mesmice e interesses circunscritos que são caracterizados por uma aderência rígida a alguma regra ou necessidade de ter as coisas somente por tê-las. (p. 39-40)

Diante a definição deste distúrbio, compreende-se que os pais e educadores o autismo “representa um enorme desafio, principalmente porque à primeira vista é difícil de diagnosticar e avaliar o grau de comprometimento envolvido” (Montoan, 2003, p. 13).

ESCOLA INCLUSIVA

A escola capacita seu professor, prepara-se, organiza-se e adapta-se para oferecer educação de qualidade para todos, inclusive para os educandos que apresentam necessidades especiais. Inclusão, portanto, não significa simplesmente matricular todos os alunos com necessidades educacionais especiais na classe comum, ignorando suas especificidades, mas significa dar ao professor e a escola o suporte necessário à sua ação pedagógica.

A escola inclusiva deve proporcionar ao professor, novas alternativas no sentido de programar formas mais adequadas de trabalho dando-lhes oportunidades de aprimoramento através de: postura do professor, uma prática pedagógica centrada no aluno. Tal aprimoramento propiciará aos professores estabelecer reformas criativas de atuação com as crianças deficientes, propiciando um atendimento integrado com o quadro escolar e com a comunidade escolar.

Sabemos que a lei é bastante utópica, porém nossa realidade é outra, seria o ideal, ter um educador capacitado que pudesse trabalhar com essa diversidade, uma escola, que oferecesse recursos e também profissionais especializados para oferecer um atendimento de qualidade a esse educando.

Mas infelizmente a maioria dos professores não tem essa formação necessária para atender esse aluno, mas se cada escola fosse contemplada com uma equipe multidisciplinar que pudesse realizar atendimento com essa criança que apresenta limitações, seria um ponto extremamente positivo tanto para desenvolvimento da criança quanto para a instituição.

Outro referencial que marca significativamente as políticas públicas em Educação Especial é a Política Nacional de Educação Especial de 1994, reformulada em 2007, visando construir uma educação de qualidade para todos os alunos.

Sendo assim, a Política Pública da SEESP (2007, p. 11) apresenta que para assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/

superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão.

EDUCANDO O ALUNO AUTISTA E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA ESTE ATENDIMENTO

Ao falar em inclusão, é preciso pensar na responsabilidade docente diante de seu exercício com os alunos que possuem algum tipo de deficiência, isto porque a inclusão se faz no dia a dia a partir do compromisso e da responsabilidade de cada professor.

A educação inclusiva desafia o docente de forma a refletir sobre sua prática com os alunos deficientes e a buscar formação e estratégias que permitam ações direcionadas a esses alunos e que atendam suas necessidades.

A educação para o aluno autista requer toda preparação profissional, para saber lidar com suas dificuldades e propiciar momentos que favorecem o desenvolvimento dessas crianças.

Para Silva (2012, p. 109):

Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada. Essas crianças já começam sua vida escolar com diagnóstico, e as estratégias individualizadas vão surgindo naturalmente. Muitas vezes, elas apresentam atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais especializados e individualizados.

Neste sentido a preparação do professor para lidar com os alunos com autismo é de suma importância, pois este profissional é um dos principais responsáveis pela construção do conhecimento pedagógico no aluno, bem como, os valores e as normas sociais.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE ENSINO

Tema e linha de pesquisa

O trabalho a ser apresentado traz como tema norteador: "Autismo na educação infantil". Este envolve a linha de pesquisa da docência na qual tem a intenção de fortalecer os conhecimentos da prática docente ao trabalhar com as crianças que sofrem deste transtorno.

A busca por este tema nesta linha de pesquisa surgiu mediante entender a dificuldade que o professor tem de estar promovendo a socialização e integração da criança Autista no espaço da sala de aula.

As discussões sobre a inclusão de crianças autistas nas escolas de ensino regular foram discutidas e intensificadas nos últimos anos, este por sua vez encontra-se amparado por documentos legais, as quais contemplam o direito à inclusão de pessoas com necessidades especiais nos âmbitos da educação, da saúde, do trabalho e da assistência. E no que se refere à educação compreende-se que esta é um direito de todos.

JUSTIFICATIVA

A escolha pelo tema se deu pela necessidade de refletir sobre o processo de inclusão das crianças autistas nas salas de aula, de forma que se compreendam os direitos desses sujeitos a uma educação igualitária e de qualidade, visando seu desenvolvimento e aprendizagem e analisar como o professor deve estar preparado e capacitado para receber este aluno e de fato incluí-lo em suas aulas.

O tema se torna importante a ser discutido, pois apesar da inclusão ser um tema bem abordado nos dias atuais, fazê-la acontecer na prática de nossas escolas ainda tem sido um desafio.

A inclusão dos alunos autistas é possível de se acontecer sim nos espaços da sala de aula, a partir do momento que o professor esteja preparado a desenvolver uma prática significativa com este aluno, permitindo a ele desenvolver suas habilidades e potencialidades, pois mesmo sofrendo deste transtorno o aluno traz consigo as suas habilidades, que são diferentes em cada ser humano e precisam ser valorizadas.

O projeto traz algumas contribuições teóricas que nos ajudam a entender como ocorre o processo de inclusão dos alunos autistas no espaço escolar.

Um ponto marcante é quando se trata da maneira de como o professor deve enxergar o aluno, onde através das pesquisas feitas por Cunha (2012) este enfatiza que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”. Assim, o professor precisa ter um olhar voltado para a inclusão deste aluno, contemplando suas necessidades.

Este também relata algumas orientações que o professor deve ter com a criança autista são fundamentais nas quais são fundamentais para que esta se desenvolva, onde este deve trazer o olhar do aluno para as atividades que ele está fazendo, procurar sempre enriquecer a comunicação, criar hábitos cotidianos agradáveis (Cunha, 2013).

PROBLEMATIZAÇÃO

A problemática levantada consiste em se perguntar:

Como o professor da educação infantil pode promover a inclusão da criança autista na sala de aula?

Qual a importância da formação para se alcançar êxito nessa prática? Quais são os conceitos do autismo e como identificá-los?

Como lidar com os desafios da inclusão com números tão crescentes?

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Analisar as estratégias que beneficiam o processo de aprendizagem do aluno autista e refletir sobre os desafios e as perspectivas para inserir os alunos autistas no ensino regular.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Refletir sobre a discriminação e o preconceito;
- Compreender a importância de valorizar o próximo;
- Apoiar o processo de implementação e consolidação do programa de educação para autistas;
- Analisar quais os desafios da escola com a inclusão da criança autista.

CONTEÚDOS

- Diálogo;
- Atividades adaptadas;
- Ética;
- Respeito;
- Diversidade;
- Dentre outros.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

1ª ETAPA

Organização dos professores para fazer um breve levantamento dos alunos com o transtorno do Espectro Autista que estudam na escola. Para melhor desenvolver o projeto os professores devem pensar nesses alunos, conhecer sua história de vida e o seio familiar em que ele convive. Deve conhecer também as principais dificuldades desses alunos tanto físicas, como sociais e afetivas.

2ª ETAPA

Após conhecer melhor a história de vida desses alunos é necessária montar um planejamento que contemple a necessidades aqui especificadas de forma que estes alunos sejam incluídos no processo ensino aprendizagem junto com as outras crianças.

3ª ETAPA

Promover uma palestra com os alunos da escola sobre a importância da inclusão, do respeito e valores com as crianças com necessidades especiais, e que estas assim como nós são cidadão e precisam do nosso respeito e amor.

1º momento: Explicar sobre o respeito pelas diferenças e pela aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana.

2º momento: Promover atividades que envolvam estes alunos a manterem a aproximação através de jogos e brincadeiras de maneira a contemplar a acessibilidade.

4ª ETAPA

Planejamento de atividades a serem realizadas com os alunos. Estas atividades devem contemplar os seguintes objetivos:

- As possibilidades de inclusão na escola;
- Minimização de situações de discriminação e preconceito;
- Trabalho através da estimulação;
- Competência e formação dos professores;
- Fazer uso da sala de atendimento especializado com professores capacitados para o atendimento dessas crianças;
- Trabalhar atividades que contemplam a ludicidade para a aprendizagem e desenvolvimento infantil das crianças com necessidades especiais.

5ª ETAPA

Montar um cronograma para atender os alunos com necessidades especiais na sala de atendimento especializado. Esta sala deve ser organizada de modo a favorecer o desenvolvimento do aluno. Deve contar com a participação de um professor especializado na área e chamar um psicopedagogo para atender alguns dias da semana.

TEMPO PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO

O tempo gasto para a realização do projeto será de duas semanas no turno vespertino, durante 4 horas de aula cada dia gerando cinco dias da semana com uma carga horária de 20 horas/a.

1ª semana

- Organização dos professores para fazer um breve levantamento com o transtorno Autista que estudam na escola.
- Montar um planejamento que contemple a necessidades aqui especificadas.

2ª semana

- Promover uma palestra com os alunos da escola sobre a importância da inclusão.
1º momento: Explicar sobre o respeito pelas diferenças
2º momento: Promover atividades
- Planejamento de atividades a realizar-se com os alunos.
- Montar um cronograma para atender os alunos com necessidades especiais na sala de atendimento especializado.

DIAS DA SEMANA	1ª SEMANA	2ª SEMANA	
SEGUNDA FEIRA	Organização dos professores para fazer um breve levantamento com o transtorno Autista que estudam na escola.	Promover uma palestra com os alunos da escola sobre a importância da inclusão.	1º momento: Explicar sobre o respeito pelas diferenças 2º momento: Promover atividades.
TERÇA FEIRA	Montar um planejamento que contemple a necessidades aqui especificadas.	Planejamento de atividades a realizar-se com os alunos.	
QUARTA FEIRA	Planejamento.	Atividades.	
QUINTA FEIRA	Diagnóstico.	Atividades.	
SEXTA FEIRA	Reunião com os pais.	Montar um cronograma para atender os alunos com necessidades especiais na sala de atendimento especializado.	

RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

Humanos: professores, alunos, pais, equipe escolar.

Materiais: Texto previamente preparado, escrito em forma de desenhos. Utilizar DVD com músicas selecionadas, vendas, gráficos, potinhos e dentre outros.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua e processual e acontecerá durante todo o projeto. Dar-se-á por meio de observações e registros analisando os pontos positivos alcançados e o que precisa ser melhorado para atender a proposta.

CONSIDERAÇÕES

Falar de inclusão dos alunos autistas no espaço escolar da educação infantil é de fundamental importância em nível de um projeto, pois, enquanto futuros profissionais nesta área, esta é uma maneira de refletir a fundo sobre os desafios da prática docente diante do processo de inclusão e como é possível rompê-los através de um olhar diferenciado, onde o que importa não é o que o aluno sabe, mas o que ele é capaz de desenvolver, pois cada um ser é capaz de devolver as suas mais diversas potencialidades, da forma que ele consegue, e não o que se requer dele.

Diante da pesquisa desenvolvida, foi possível entender a importância da formação docente, da organização e planejamento do professor para tornar a inclusão possível, de modo que se valorize cada avanço deste aluno, para que ele se sinta motivado e passe a desenvolver suas habilidades do jeito que ele consegue, e não sendo obrigado. Foi uma forma de refletir sobre a ação docente a ser desenvolvidas com os alunos diagnosticados com este transtorno, mostrando uma forma de permitir que o aluno participe e se interaja nas aulas, que seja de fato incluído no processo ensino aprendizagem, pois apesar de possuir suas necessidades especiais, este também possui suas potencialidades e que precisam ser valorizadas e reconhecidas pelo professor.

Enfim, diante da reflexão que aqui foram feitas, percebe-se que há muito que ser feito para termos de fato uma educação inclusiva e integrar a criança autista no contexto escolar. Desta forma é preciso que os professores estejam capacitados para trabalhar com os alunos e toda equipe escolar a necessidade de manter a ética, o respeito, e fazer valer o direito de cidadania de cada ser humano.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto de LEI 5626/05**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF. 2005. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 01 maio 2010.
- BRASIL. **Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014**. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: [s. n.], 2014.
- BRASIL. **Decreto nº. 5.296 de 2 de dezembro de 2004 – DOU de 3/12/2004**. Marcos Políticos Legais da EDUCAÇÃO ESPECIAL na Perspectiva da Educação inclusiva. Brasília: MEC, 2010.
- BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394. 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: MS, 2013.
- BRASIL/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96, de 20.12.1996 (Lei Darcy Ribeiro)** – Plano nacional de educação: Lei nº 10.172, de 10 de janeiro de 2001 e legislação correlata e complementar/supervisão editorial Jair Lot Vieira. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2001 (Série Legislação).
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is.”** Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- CUNHA, E. **Autismo na Escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.
- FREITAS, Soraia Napoleão et al. **Tendências Contemporâneas de Inclusão**. Santa Maria, RS: UFSM, 2006. p. 42.
- GIKOVATE, C. G. **Autismo: compreendendo para melhor incluir**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- KANNER, L. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. *In*: ROCHA, P. (Org.). *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997. p. 11-170. (Original publicado em 1943). **Rev. Científica Eletrônica UNISEB**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 5, p.184-199, jan./jun. 2015.
- MANTOAN, M. T. Egler. **Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 1997.
- MOREIRA, P. S. T. **Autismo: a difícil arte de educar**. Guaíba – RS: Universidade Luterana do Brasil – Ulbra – Campus Guaíba – RS, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1993.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ORRÚ, E. S. **Autismo**: o que os pais devem saber? Rio de Janeiro: Wak, 2011.

ORRÚ, Silvia Ester. A formação de professores e a educação de autistas. **OEI - Revista Iberoamericana de Educación. Centro Universitário da Fundação de Ensino Octavio Bastos**, n. 45, p. 2–25, fev. 2008a.

ORRÚ, Silvia Ester. Os Estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico cultural no trabalho educacional com autistas. **OEI - Revista Iberoamericana de Educación. Centro Universitário da Fundação de Ensino Octavio Bastos**, n. 45, p. 3–25, fev. 2008b.

SANTOS, B. de S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1999. (Oficina do CES nº 135).

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, R. K. Integração e inclusão: do que estamos falando? **Temas sobre desenvolvimento**, v. 39, p. 45-47, 1998.

SEESP/MEC. **Escolas Inclusivas**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/const_escolasinclusivas.pdf. Acesso em: 13 set. 2019.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TOMÉ, M. C. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento e Percepção**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 231-248, dez. 2007.

VIEIRA, N. M.; BALDIN, S. R.; FREIRE, R. S. Inclusão escolar de alunos com autismo: O que diz a literatura. **GT5- Educação, Comunicação e Tecnologia**, 2013.